

ENDIVIDAMENTO E DESEMPENHO ACADÊMICO SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES DE CONTABILIDADE.

José Pinheiro Montanha Filho ¹, José Mauro Madeiros Velôso Soares ²

Resumo

O presente estudo busca evidenciar qual o endividamento e impacto percebido no desempenho acadêmico. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral: demonstrar o endividamento e o impacto percebido no desempenho acadêmico. Para tanto, como objetivos específicos é necessário (i) analisar o perfil socioeconômico e a propensão ao endividamento; (ii) verificar como ocorre a propensão ao endividamento dos discentes; (iii) identificar como o desempenho acadêmico do discente é afetado pelo endividamento. O estudo enquadra-se como quantitativo e qualitativo, sendo a coleta de dados realizada por meio de questionários. A unidade de análise é composta por 137 estudantes. Após transcrição e a codificação os dados foram analisados em planilha eletrônica e em software de análise de dados qualitativos. Os principais resultados evidenciam que os estudantes apresentaram endividamento, ainda que não possuam atividade extraclasse sendo desempenhadas. No tocante a como o endividamento ocorre, a má gestão foi relatada como a principal causa, seguida do desemprego. Sobre a influência no desempenho acadêmico, em síntese, as evidências corroboram com a perspectiva de que o desempenho pode ser influenciado pelo endividamento, tanto de forma positiva como de forma negativa (mais frequentemente relatada).

Palavras chave: *Endividamento, Desempenho acadêmico, Contabilidade.*

1 INTRODUÇÃO

O entendimento de como as decisões financeiras são tomadas pelos indivíduos está relacionado a suas características psicológicas e de percepção de bem-estar financeiro (STRÖMBÄCK *et al.*, 2017). Embora o acesso ao crédito proporcione vantagens, como acesso mais amplo ao consumo, o endividamento dos indivíduos teve aumento considerável nas últimas décadas em função de tal acessibilidade. (KUS, 2013).

No Brasil, o aumento da dívida da população, assim como em outros países teve crescimento substancial. (NEPOMUCENO; LAROCHE, 2015). Igualmente, em levantamento realizado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC, 2018) foi evidenciado que em média 59,8% da população está endividada e 9,2% afirma não ter condições de efetuar o pagamento.

A literatura demonstra que o endividamento pessoal tem associação a saúde das pessoas (RICHARDSON; ELLIOTT; ROBERTS, 2013). No entanto, no ponto de vista comportamental, as pessoas podem não ser plenamente racionais ao tomar decisões no momento em que as tomam (ARIELY, 2008).

¹ Bacharelado em Ciências Contábeis.

² Mestre em Ciências Contábeis.

Deste modo, é ressaltado que no processo de tomada de decisão os conhecimentos relacionados ao contexto financeiro podem exercer influência significativa (ROBB et al., 2015). Ou, de forma distinta, a educação financeira pode deter pouca indicação sobre os comportamentos relacionados a tal, em virtude de que as intervenções educativas são esquecidas com o tempo (FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014).

Em relação ao desempenho acadêmico, pesquisas tem avaliado a relação entre o desempenho e o fato do estudante trabalhar ou não (NONIS; HUDSON, 2006), tendo em vista que parte dos estudantes trabalham para melhorar financeiramente (DAROLIA, 2014). Segundo Ferreira (2006) as pessoas endividadas podem vir a trabalhar com o intuito exclusivo de quitar as suas dívidas. Ante isto, os estudantes que trabalham podem sentir-se mais motivados a obter melhor desempenho (ANDRADE; CORRAR, 2007), ou podem ter negativamente afetados os seus desempenhos (CALLENDER, 2008).

Sweet *et al.* (2013) consideram que existem poucas pesquisas sobre como o endividamento afeta a vida das pessoas, ao mesmo tempo em que as evidências demonstram que o endividamento pessoal tem impacto psicológico e comportamental nas pessoas. Diante do exposto. O problema de pesquisa é: qual o endividamento e impacto percebido no desempenho acadêmico. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral: verificar o endividamento e o impacto percebido no desempenho acadêmico. Para tanto, como objetivos específicos é necessário (i) analisar o perfil socioeconômico e a propensão ao endividamento; (ii) verificar como ocorre a propensão ao endividamento dos discentes; (iii) identificar como o desempenho acadêmico do discente é afetado pelo endividamento.

A relevância do presente estudo está em identificar, na percepção dos discentes de graduação do curso de Ciências Contábeis, contribuindo com a reflexão sobre a abordagem da interação entre trabalho, endividamento e as implicações no desempenho acadêmico. . A baixa incidência dos estudos com foco nesse tema ressalta a importância do desenvolvimento desse trabalho.

Ressalta-se que a relevância para o âmbito profissional se dá em virtude da importância da formação acadêmica para o exercício profissional. Já para a academia esta pesquisa tem sua importância ao trazer resultados empíricos que podem ser discutidos conjuntamente, ampliando a abrangência da literatura. Constatando essa relação entre endividamento e desempenho, as Instituições de Ensino Superior, podem implementar políticas/programas institucionais para minimizar esses efeitos. Neste sentido espera-se contribuir nestes pontos com a literatura corrente.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 DESEMPENHO ACADÊMICO

O desempenho acadêmico pode ser difícil de ser mensurado, em razão de a performance individual sofrer influência de muitas variáveis ao mesmo tempo (MIRANDA et al., 2015). Tais fatores e acontecimentos estão relacionados tanto ao presente como ao passado (MEURER et al., 2018). Outrossim, ao relatar os seus desempenhos, os discentes atribuem proporção maior a fatores externos para explicar o seu rendimento acadêmico

inferior e fatores internos para atribuir a aspectos positivos (CORNACHIONE JÚNIOR et al., 2010).

O desempenho dos discentes em contabilidade pode estar relacionados ao domínio, atualização e estratégia de aprendizagem dos docentes (CRUZ; CORRAR; SLOMSKI, 2008). No entanto, por mais que existam aspectos institucionais que influenciem o desempenho, o discente pode ser visto como o principal responsável pelo seu desempenho (RODRIGUES et al., 2017).

Diferente de resultados reportados em outras áreas, Moura, Miranda e Pereira (2015) encontraram que os desempenhos dos alunos do turno noturno foi melhor do que os discentes que cursavam em turno integral, tanto pelos resultados obtidos com os rendimentos, como pelas evidências analisadas através dos relatos dos docentes.

Araújo et al. (2013) encontraram que, em sua amostra, o desempenho acadêmico do curso de Ciências Contábeis pode estar associado a idade, gênero, etapa do curso e, contraditoriamente do que se esperava, à frequência. Em análise sobre características e variáveis psicológicas, Mamede et al. (2015) evidenciam que o fato do discente atribuir crença a sorte ou ao acaso exerce significativa influencia negativa ao seu desempenho acadêmico. Nesta linha, Rangel e Miranda (2016) evidenciam que o nível motivacional do estudante está relacionado ao seu rendimento durante o curso de ciências contábeis.

De forma abrangente, ao verificar quais os aspectos determinantes do desempenho escolar relacionado a área de negócios, Miranda et al. (2015) atribuem que as variáveis relacionadas aos próprios discentes explicam com mais ênfase o desempenho. Já as variáveis relacionadas ao corpo docente, estas, embora significativas, explicam em menor grau.

Alguns estudos atribuem a renda familiar como uma variável explicativa ao rendimento acadêmico (MEURER et al., 2018; MIRANDA et al., 2015; RODRIGUES et al., 2017), neste sentido Nonis e Hudson (2006), bem como Callender (2008) identificam que o fato do aluno trabalhar pode ser um fator influente em seu desempenho durante o curso que ele está estudando.

2.2 ENDIVIDAMENTO

As decisões financeiras em relação ao endividamento recebem destaque em relação aos aspectos comportamentais a elas inerente (FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013). Em que pese as decisões carreguem aspectos relacionados a emoções (KAHNEMAN; TVERSKY, 1984a) e expectativas futuras (BARROS; BOTELHO, 2012). Neste sentido, não efetuar um gasto pode, as vezes, ser percebido como uma perda (ABENDROTH; DIEHL, 2006) e a escassez age como um foco a propensão ao gasto (GOEDDE-MENKE; ERNER; OBERSTE, 2017).

As contribuições sobre como os indivíduos se comportam são atribuídas aos trabalhos desenvolvido por Walter Mischel (e. g. MISCHEL; EBBESEN, 1970; MISCHEL; EBBESEN; RASKOFF ZEISS, 1972; MISCHEL; SHODA; RODRIGUEZ, 1989). Nestas pesquisas, por meio da realização do “Teste Marshmallow” evidenciava-se o comportamento em situações de atraso de gratificação (MISCHEL, 2014; STRÖMBÄCK et al., 2017). O teste consiste no oferecimento de uma gratificação imediata, ou uma gratificação maior mais tardia e busca evidenciar o autocontrole dos participantes para receber a gratificação maior depois, que por vezes não acontece (WATTS; DUNCAN; QUAN, 2018).

Em relação a propensão ao endividamento, uma das sugestões que se tem, é que, por vezes, a limitação ao crédito é um fator que pode beneficiar alguns consumidores. A razão para tal, é que: embora as pessoas tenham educação financeira, elas podem não ter conhecimento sobre o autocontrole e por isso acabar se endividando além de um nível ideal (GATHERGOOD, 2012a). Por ser atribuída uma causalidade entre problemas com o endividamento e a saúde psicológica, no sentido de que individualmente problemas com o pagamento de dívidas influenciam o comportamento pessoal, é importante que se estude estes comportamentos (GATHERGOOD, 2012b).

Em casos onde os próprios estudantes tem que pagar o seu próprio ensino superior, o receio ao endividamento pode inclusive funcionar como um fator impeditivo ao acesso (CALLENDER; JACKSON, 2005). Outrossim, a educação superior pode ser considerada pelos indivíduos como uma maneira de ascender financeiramente através do investimento em seu capital humano (ECKEL et al., 2007). Desta forma, na perspectivas dos estudantes, o investimento pessoal em educação oferece retornos financeiros visíveis (DICKSON; HARMON, 2011; WALKER; ZHU, 2011). Consoante a isto, Haultain, Kemp e Chernyshenko (2010) destacam que a forma de endividamento dos estudantes é diferente de país para país, sendo importante investiga-las e saber dos seus impactos.

A forma como os retornos com a educação são percebidos dependem muito da maneira como é perguntado pelos pesquisadores, se de forma curta ou detalhada, por exemplo, (SERNEELS; BEEGLE; DILLON, 2017). Os resultados obtidos com estudantes das áreas de negócios demonstram que grandes partes ingressam no curso com a esperança de trabalhar (BYRNE; FLOOD, 2007), e a partir do primeiro ano já iniciam o exercício de alguma atividade além do estudo (KIRBY; MCELROY, 2003). Em pesquisa cujo inquiridos foram alunos de contabilidade do Brasil, Araújo *et al.* (2013) abordam que uma parte significativa dos alunos trabalha durante o dia, inclusive como forma de custeio de seus estudos.

Em relação a percepção dos discentes, embora o trabalho durante o curso traga benefícios monetários e de desenvolvimento de competências, o desempenho é percebido como mais negativo do que caso eles não estivessem trabalhando (CURTIS; SHANI, 2002). Por vezes, os estudantes precisam realizar escolhas financeiras que afetam o seu desempenho acadêmico, seja relacionadas ao seu estilo de vida ou de seus dependentes (ACE, 2006).

Ao estudar o endividamento de estudantes de contabilidade, Medeiros e Lopes (2016) obtiveram como resultado que estes discentes tem suas dívidas relacionadas ao cartão de crédito, financiamento de bens móveis e imóveis. A amostra estudada possuía poucos indivíduos em situação de atraso com suas dívidas, e o relato obtido foi de que existe frequência de poupança e planejamento, embora os pesquisados não elaborem planilha de gastos. Já em levantamento realizado por (MEDEIROS; CAMPOS ; MALAQUIAS 2016), o resultado obtido foi de que o curso de ciências contábeis proporciona contribuições em relação aos conhecimentos financeiros dos alunos, o que pode contribuir conjuntamente com outros fatores para um melhor controle dos gastos.

Consoante as evidências sobre a composição e do endividamento em si (MEDEIROS; LOPES, 2016; MEDEIROS; CAMPOS; MALAQUIAS, 2016), de forma conjunta com a literatura sobre desempenho acadêmico que considera o fator financeiro como determinante (ANDRADE; CORRAR, 2007; MAMEDE et al., 2015; MIRANDA et al., 2015), a hipótese central da presente pesquisa é que na percepção dos discentes o endividamento exerce influência no desempenho acadêmico.

3 METODOLOGIA

O presente estudo pode enquadrar-se como qualitativo e quantitativo. Os dados foram obtidos através da aplicação de um instrumento de coleta de dados contendo questões abertas e fechadas.

As questões do referido instrumento foram adaptadas de questionários que buscavam evidenciar a composição do endividamento dos inquiridos (POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2014; RIBEIRO et al., 2009) e relacionados a fatores relacionados ao desempenho dos discentes (CALLENDER, 2008; CALLENDER; JACKSON, 2005). As primeiras questões buscaram levantar dados sobre o perfil dos participantes, como gênero, idade, curso, estado civil e quantidade de dependentes financeiros. Adiante, foram respondidas perguntas sobre a composição do endividamento, renda família, autopercepção sobre o nível endividamento, frequência de poupança e composição dos gastos. Por fim, as perguntas da última parte do instrumento eram a respeito de qual a percepção do respondente sobre a influência do seu endividamento nas atividades acadêmicas.

Adicionalmente, foi pedido para que o participante evidenciasse qual a sua propensão a fazer uma compra de viagem. Neste quesito, os instrumentos foram distribuídos em forma de experimento A/B, onde foi proposto um problema envolvendo escassez como propensão a realização do gasto, conforme proposto por Goedde-Menke, Erner e Oberste, 2017).

A amostra estudada se deu por conveniência, onde foram entrevistados os alunos presentes em sala de aula da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) durante a aplicação dos instrumentos no mês de fevereiro de 2019. Neste sentido, foram coletadas respostas de 137 estudantes do curso de Ciências contábeis da referida universidade.

Os dados coletados foram organizados em planilha eletrônica, onde as questões fechadas foram analisadas por meio de estatísticas descritivas e para as respostas abertas foi aplicado a técnica de análise de conteúdo por meio do software. As evidências foram codificadas de acordo com a motivação dada por cada respondente, sendo evidenciado como é relatada a percepção de relação entre o rendimento acadêmico e o endividamento dos discentes. Os quesitos perguntavam como o participante acreditava que o seu próprio endividamento influenciava as suas atividades, se de forma positiva, negativa ou se não influenciava. Aos relatos positivos em relação a influência percebida foi solicitado uma descrição breve de como a motivação e rendimento acadêmico eram influenciados pelo endividamento.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DE ENDIVIDAMENTO DOS DISCENTES

Os questionários que fazem parte da amostra final cuja presente pesquisa abrangeu foram aplicados com o total de cento e trinta e sete discentes do curso de ciências contábeis, sendo oitenta e dois participantes do gênero masculino e cinquenta e cinco do gênero feminino.

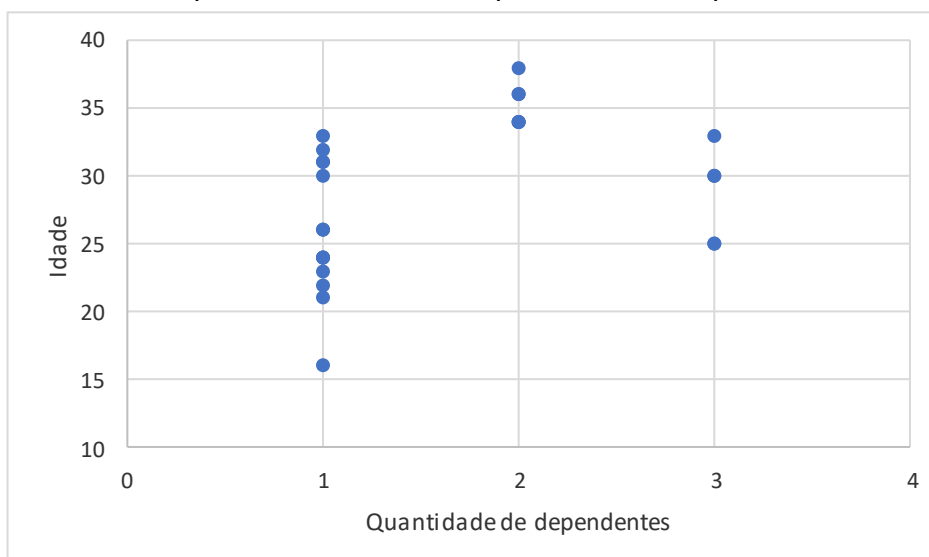
Quanto a idade, os respondentes tinham entre dezesseis e quarenta e seis anos, sendo que a média de idades igual a 24,16 anos. Em relação ao estado civil, vinte e quatro

dos indivíduos (17,52%) relataram ser casados, Cento e dez (80,29%) se declararam solteiros no momento das respostas, Apenas dois participantes (1,46%) relataram ser separados e somente um participante (0,73%) respondeu que era amasiado.

Os participantes que possuem dependentes financeiros correspondem a um total de vinte e cinco indivíduos, sendo que estes eram em sua maioria casados, correspondendo a dezessete participantes (12,40%), seis participantes (4,38%) solteiros tem dependentes financeiros e os dois participantes (1,46%) que eram separados também tem dependentes financeiros. A média geral das classes obtida foi igual a 0,2992 dependentes, o indicando que grandes partes das pessoas declararam que não possuem dependentes financeiros.

Comparando com a idade dos participantes, relataram ter dependentes financeiros participantes entre dezesseis e trinta e oito anos. Tal evidência pode ser considerada como um indicio da presença de dependente em quase todas as faixas etárias. Gráfico 1 Demonstra o comparativo entre as idades e a quantidade de dependentes dos discentes inquiridos.

Gráfico 1: Comparativo entre idade e quantidade de dependentes.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Quando questionados em sua percepção pessoal, sobre seu nível de endividamento, quarenta e quatro integrantes (32,11%) relataram não possuir qualquer dívida, contra noventa e três (67,89%) que afirmaram estar endividados de alguma forma. Contrapondo, que é possível que parte daqueles não tem qualquer dívida, sejam dependentes de outras pessoas, e essas pessoas das quais estes estudantes dependem financeiramente tenham algum tipo de dívida.

Tabela 1:Diferença entre endividamento e quantidade de depenentes pelo teste Qui-quadrado de proporção. .

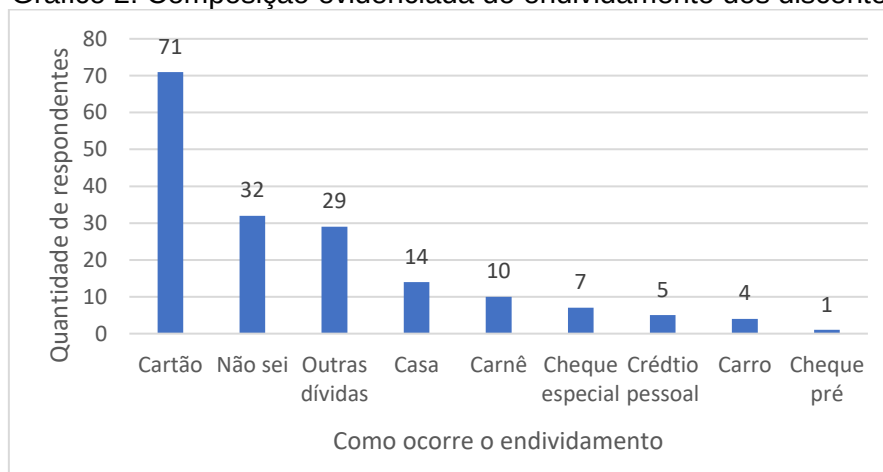
	Quantidade de dependentes				
Dívidas	0	1	2	3	Total
0	43	0	0	1	44
1	69	14	6	4	93
Total	112	14	6	5	137
Pearson chi2(3) = 11,82			Pr =0,00800		

Na tabela acima a variável zero (0) em relação as linhas significa ,a quantidade de dependentes, e em relação as colunas , o fato de não ter dívidas.

Sobre a composição do endividamento relatado, 71 participantes afirmaram ter dívidas no cartão de crédito. Entretanto, houve relatos de outros tipos de dívida por participantes que não mencionaram dívida com o cartão. Sendo assim, os resultados encontrados na presente pesquisa corroboram as evidência de (MEDEIROS;LOPES, 2016) No que diz respeito a composição do endividamento dos discentes. As dívidas foram listadas fazendo atribuição a bens móveis e imóveis, crédito pessoal, cheque especial e pré-datado.

De acordo com Medeiros, Campos e Malaquias (2016), o curso de ciências contábeis pode proporcionar conhecimentos sobre finanças e assim ser positivo ao controle dos gastos. Ainda assim, trinta e duas exposições de que não sabiam com o que estavam endividadas pode apresentar um contraponto a esta evidência relatada pela literatura. Uma possível explicação para tais ocorrências é que por vezes a ausência de autocontrole sobrepõe a educação financeira para situações de endividamento (GATHERGOOD, 2012a). Os dados referentes a composição do endividamento dos discentes são sumarizados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Composição evidenciada do endividamento dos discentes



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Quando questionados em relação a sua percepção o pessoal sobre o montante do seu endividamento, oito indivíduos se consideram endividados demais, nove acreditam que são muito endividados, vinte e cinco afirmam ser mais ou menos endividados. Outrossim, sentido de que é possível que as decisões financeiras relacionem-se a expectativas futuras (BARROS; BOTELHO, 2012), os discentes podem relacionar um baixo nível de endividamento em razão de ainda estar se estabelecendo financeiramente. Ou ainda, o endividamento pode estar relacionado ao acesso ao crédito. (NEPOMUCENO; LAROCHE, 2015), e manter um nível mais baixo pode ser benéfico a saúde das pessoas (RICHARDSON;ELLIOTT;ROBERTS) do ponto de vista psicológico..

Quanto a classificação da renda familiar, há uma predominância maior de discentes das classes C (renda entre R\$ 2.005 e R\$ 8.640), D (renda entre R\$1.255 e R\$2.004) e E (entre R\$ 0 e R\$ 1.255). Destarte, apenas um inquirido afirmou ter renda familiar acima de R\$ 11.262,00 (Classe A) e somente três responderam que tem renda entre R\$ 8.641 e R\$ 11.261. Em relação ao endividamento, a maior parcela relativa a situações de não

endividamento está presente nos indivíduos que tem renda familiar que o qualifiquem na Classe C ou acima dela. (FGV, 2014).

Estas evidências podem significar que o endividamento ou não do discente pode estar relacionado ao seu rendimento familiar, onde uma vez dispondo de menos recursos financeiros, a adesão ao crédito pode ser uma opção a impossibilidade de efetivar o consumo de um bem/serviço por não deter recursos suficientes. Kus (2013) evidencia que o acesso ao crédito aumentou de forma considerável nas últimas décadas. Em função disto, as pessoas podem ter tido acesso mais amplo ao consumo e o aumento no endividamento das pessoas pode ser relacionado como uma consequência a tal acesso.

A evidência de que houve aumento da dívida da população brasileira (NEPOMUCENO; LAROCHE, 2015) quando contraposta ao dado que 59,8% da população está endividada e 9,2% não ter condições de efetuar o pagamento (CNC, 2018) recebe contribuições dos resultados da presente pesquisa. Considerando que o endividamento influencia a vida das pessoas (SWEET et al., 2013), o presente estudo aferiu que dentre os discentes endividados, vinte e oito responderam como “Não sei” em relação a como o seu endividamento pessoal acontece. A Tabela 2 resume a renda familiar e a situação de endividamento.

Tabela 2: Renda familiar e endividamento dos discentes

Renda familiar	Quantidade	Situação em relação ao endividamento
Acima de R\$ 11.262	1	Não tem dívidas.
entre R\$ 8.641 e R\$ 11.261	3	Ou não tem dívidas ou são pouco endividados.
entre R\$ 2.005 e R\$ 8.640	50	22 não tem dívidas e destes 15 “não sei”.
entre R\$1.255 e R\$2.004	36	apenas 13 não tem e destes, 7 “não sei”.
entre R\$ 0 e R\$ 1.255	47	apenas 13 não tem e destes, 6 “não sei”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Como discentes da área de negócios, os resultados corroboram a literatura de que ainda que recebam intervenções educativas relacionadas a finanças, a predição sobre o comportamento financeiro é baixa caso seja considerada a educação financeira como explicativa (e. g. FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014). Considerando a força dos aspectos comportamentais sobre as decisões financeiras, em especial sobre o autocontrole, é possível que as particularidades de cada situação influenciem a decisão sobre efetuar ou não o gasto (ABENDROTH; DIEHL, 2006; GOEDDE-MENKE; ERNER; OBERSTE, 2017; KAHNEMAN; TVERSKY, 1984; MISCHER, 1970).

Investigando sobre o fato de terem alguma atividade extracurricular remunerada cento e trinta e sete os alunos estudados, setenta e oito (56,93%) indicaram exercer alguma ocupação. Entretanto, este grupo não foi composto por nenhum participante da classe B. Realizando uma intersecção com os noventa e três que afirmaram estar endividados (67,89%), têm-se que, ainda que endividados, alguns discentes não estão realizando ocupações extraclasse. Sendo assim, este resultado traz como apontamento que o indivíduo pode depender de outra pessoa e por isso tem acesso ao crédito e está endividado.

Em relação a interferência na renda familiar no rendimento acadêmico (MEURER et al., 2018; MIRANDA et al., 2015; RODRIGUES et al., 2017) e corroborando as evidências de Nonis e Hudson (2006), bem como de Callender (2008) o fato do aluno exercer atividades além do estudo pode ser um fator influente em seu desempenho durante o curso que ele está estudando. Contrapondo o fato, o exercício de outra atividade ao endividamento, as respostas indicam que dos setenta e oito participantes que trabalham, vinte não tem dívidas. Ou seja, dos noventa e três participantes que afirmaram ter algum tipo de dívida, apenas cinquenta e oito exercem alguma atividade (62,36%), o que implica intuitivamente que estes dependem de outros para suas dívidas relatadas.

Quanto a frequência de poupança, os resultados obtidos entre nunca, representado pelo número zero, e sempre, representado pelo número sete, demonstram uma média igual a 2,24 que representa que a frequência de poupança é relativamente baixa. Considerando aqueles que exercem atividades durante os períodos que não estão na aula, a frequência de poupança ainda pode ser considerada como muito baixa (2,32). Verificando se existe diferença entre a frequência de poupança entre o grupo que exerce atividades extra-classe o teste de Kruskal-Wallis identifica que não há diferença entre os grupos analisados (*p-valor* 0,4606), assim como não há diferença na frequência de poupança entre quem tem ou não dívida (*p-valor* 0,5649). Foi evidenciado ainda não difere entre os gêneros (*p-valor* 0,2809), em desacordo com o proposto por Potrich, Vieira e Ceretta (2014).

A Tabela 3 apresenta item por item do endividamento, demonstrando que a frequência média de poupança apenas difere entre os participantes que relataram endividamento com cheque especial ou não.

Tabela 3: Resultados do teste Kruskal-Wallis para diferença entre grupos

Item do endividamento	p-valor
Cartão de crédito	0,9621
Crédito pessoal	0,6752
Carro	0,5479
Cheque especial	0,0242
Carnê	0,5513
Casa	0,1910
Cheque pré-datado	0,2825
Outras dívidas	0,6505
Não sei	0,6401

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

A respeito das evidências apresentadas, vale ressaltar que a presença de endividamento e a realização de poupança são independentes, uma vez que estar endividado não necessariamente significa não ter recurso financeiro investido, ou suficiente para realizar a quitação dos débitos. No entanto, as estratégias de utilização do endividamento e de tomada de decisão financeira tem relacionamento a características

psicológicas e de percepção de bem-estar financeiro (STRÖMBÄCK et al., 2017) ao mesmo tempo em que pode ocasionar problemas, inclusive de saúde e influencia nas atividades normais do dia-a-dia e o comportamento pessoal (GATHERGOOD, 2012a, 2012b; KUS, 2013; RICHARDSON; ELLIOTT; ROBERTS, 2013; VIEIRA; DE OLIVEIRA; KUNKEL, 2016).

Quando perguntados sobre como fazem os seus gastos, os discentes afirmaram gastar mais consigo mesmo do que com outras pessoas, o que pode ser em virtude da maioria ser solteiro e não ter dependentes financeiros. Neste sentido, os gastos com a casa foram colocados como o segundo maior, seguidos do gasto com familiares. Estas evidências concordam com a literatura, em que pese, o estudante possa enxergar retornos econômicos sobre o dispêndio realizado no estudo (DAROLIA, 2014). Os resultados são evidenciados na Tabela 4.

Tabela 4: Como os discentes gastam seus recursos

	Casa	Amigos	Familiares	Outros	Consigo	Poupar
Total	3355	907	1625	647	4557	1568
Média	25,11	6,79	11,78	4,90	34,25	11,5
Mediana	15	2	7.5	0	25	6
Moda	0	0	0	0	20	0
Desvio Padrão	27,98	9,42	15,21	8,00	28,16	16,67

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

No que se refere a como o endividamento ocorre, a má gestão do orçamento apresenta a maior taxa de indicação como causa do endividamento, sendo maior inclusive, em termos absolutos, que o desemprego a falta de planejamento e a má gestão do orçamento. Estes resultados vão ao encontro de pesquisas anteriores (MEDEIROS; LOPES, 2016; MEDEIROS; CAMPOS; MALAQUIAS, 2016) no que se refere a ausência de controle e planejamento formal do orçamento, ainda que o curso de ciências contábeis proporciona contribuições em relação aos conhecimentos financeiros dos discentes. Estes resultados são sumarizados na Tabela 5.

Tabela 5: Causas reportadas sobre como o endividamento ocorre

	Gestão	Desemprego	Planejamento	Outro	Consumo	Saúde	Empréstimo
Total	36	34	33	25	24	8	4
Média %	26.87%	25.37%	24.63%	18.66%	17.91%	5.97%	2.99%

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Do ponto de vista de que as decisões financeiras em relação ao endividamento tem influência comportamental (BARROS; BOTELHO, 2012; FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013; KAHNEMAN; TVERSKY, 1984) e os indivíduos podem ter pouco autocontrole sobre a necessidade de gratificação imediata e assim tomar decisões que podem ser piores ou menos vantajosas do que a espera (MISCHEL, 2014; STRÖMBÄCK et al., 2017; WATTS; DUNCAN; QUAN, 2018).

4.2 INFLUÊNCIA PERCEBIDA DO ENDIVIDAMENTO NO DESEMPENHO

Pela amplitude de formas e dificuldade de mensuração do desempenho acadêmico pela influência de muitas variáveis ao mesmo tempo (MIRANDA et al., 2015), as respostas sobre como os discentes percebiam a influência foi dispersa. Alguns respondentes afirmaram que o seu endividamento pessoal associa-se ao seu desempenho de forma positiva, bem como houve respostas de que a associação era negativa, foi evidenciado que o endividamento não exercia influência percebida no desempenho.

Dez participantes afirmaram que o seu desempenho é positivamente influenciado pelo seu endividamento. Respostas como “futuro melhor” e “buscar melhorias financeiras” demonstram que parte dos discentes podem perceber o fato de estar endividado como um propulsor para ter mais retornos financeiros com a educação que ele está realizando. Tal evidência pode relacionar-se ao fato de que no processo de tomada de decisão os conhecimentos financeiros podem exercer influência (ROBB et al., 2015), e como o discente é o principal responsável pelo seu desempenho (RODRIGUES et al., 2017) este fato pode ser positivo.

Quanto as afirmações de que o desempenho era negativamente afetado, estas foram referidas por quarenta e quatro alunos, que representa 32,11% da amostra pesquisada. Esta evidência corrobora aos resultados de que há relação entre o desempenho e o fato do estudante trabalhar ou não (ANDRADE; CORRAR, 2007; CALLENDER, 2008; NONIS; HUDSON, 2006), pela interdependência entre o trabalho e a necessidade de pagamento das dívidas (FERREIRA, 2006) ou melhoria financeira (DAROLIA, 2014).

Nos quesitos de resposta aberta foram evidenciados aspectos que se relacionam a: tristeza, desmotivação, preocupação, falta de tempo, falta de dinheiro, etc. Neste sentido, os pressupostos de que o endividamento pessoal poder ter associação com a saúde das pessoas (RICHARDSON; ELLIOTT; ROBERTS, 2013), com o psicológico (SWEET et al., 2013) e como impeditivo a formação superior (CALLENDER; JACKSON, 2005).

Assim como os resultados de caráter de influência positiva, a influência negativa, que na amostra estudada foi mais presente, pode fazer com que o desempenho seja pior, em razão do abordado por Rodrigues et al. (2017) de que o discente exerce mais preponderância do que os aspectos institucionais sobre o seu desempenho.

Sobre os relatos que o endividamento não exercia qualquer influencia percebida sobre o desempenho, oitenta e três discentes afirmaram que não tinham qualquer influencia positiva ou negativa em seu desempenho pelo endividamento. Entretanto, trinta e quatro destes participantes afirmaram não ter qualquer tipo de dívida, o que pode ser influente a sua percepção de impacto ou não no desempenho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos discentes quanto a influência do endividamento no desempenho. Para tanto, como objetivos específicos é necessário. Para tanto, como objetivos específicos é necessário (i) analisar o perfil socioeconômico e a propensão ao endividamento; (ii) verificar como ocorre a propensão ao endividamento dos discentes; (iii) identificar como o desempenho acadêmico do discente é afetado pelo endividamento.

Quanto ao endividamento, quarenta e quatro integrantes (32,11%) relataram mencionaram não possuir qualquer dívida, contra noventa e três (67,89%) que afirmaram estar endividados de alguma forma. Sobre como a composição do endividamento relatado, o cartão de crédito foi o mais frequentemente relatado, por 71 participantes. Entretanto, houve relatos de outros tipos de dívida por participantes que não relataram dívida com o

cartão. No que se refere a como o endividamento ocorre, a má gestão do orçamento apresenta a maior taxa de indicação como causa do endividamento, sendo maior inclusive, em termos absolutos, que o desemprego e a falta de planejamento.

Quanto a renda familiar, há uma predominância maior de discentes das classes C (renda entre R\$ 2.005 e R\$ 8.640), D (renda entre R\$1.255 e R\$2.004) e E (entre R\$ 0 e R\$ 1.255). Destarte, apenas um inquirido afirmou ter renda familiar acima de R\$ 11.262,00 (Classe A) e somente três responderam que tem renda entre R\$ 8.641 e R\$ 11.261. Em relação ao endividamento, a maior parcela relativa a situações de não endividamento está presente nos indivíduos que tem renda familiar que o qualifiquem na Classe C ou acima dela.

Em relação a interferência do endividamento no desempenho, dez participantes afirmaram que o seu desempenho é positivamente influenciado pelo seu endividamento. E quanto as afirmações de que o desempenho era negativamente afetado, estas foram referidas por quarenta e quatro alunos, que representa (32,11%) da amostra pesquisada. Sobre os relatos que o endividamento não exercia qualquer influência percebida sobre o desempenho, oitenta e três discentes efetuaram a afirmação. Entretanto, trinta e quatro destes participantes afirmaram não ter qualquer tipo de dívida, o que pode ser influente a sua percepção de impacto ou não no desempenho.

Ressalta-se que, as informações obtidas nesta pesquisa, não devem ser passíveis de generalizações, parte em razão da especificidade da amostra analisada ou de diferenças possíveis entre os perfis individuais e por se tratar de percepções pessoais. Para os futuros trabalhos, sugere-se que seja realizado um aprofundamento maior acerca do tema, em especial sobre as percepções negativas de influência do endividamento no desempenho acadêmico, bem como estudos com profissionais contábeis, com o propósito de verificar a influência além do âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

ABENDROTH, L. J.; DIEHL, K. Now or Never: Effects of Limited Purchase Opportunities on Patterns of Regret over Time. **Journal of Consumer Research**, v. 33, n. 3, p. 342–351, 2006.

ACE, A. C. ON E. **Working Their Way Through College**, 2006. Disponível em: <<https://www.acenet.edu/news-room/Documents/IssueBrief-2006-Working-their-way-through-College.pdf>>

ALBERT, M. A.; DAHLING, J. J. Learning goal orientation and locus of control interact to predict academic self-concept and academic performance in college students. **Personality and Individual Differences**, v. 97, p. 245–248, 2016.

ANDRADE, J. X.; CORRAR, L. J. CONDICIONANTES DO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DE CONTABILIDADE: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE NATUREZA ACADÊMICA, DEMOGRÁFICA E ECONÔMICA. **Revista de Contabilidade da UFPA**, v. 1, n. 1, p. 13, 2007.

ARAÚJO, E. A. T. et al. Desempenho acadêmico de discentes do curso de Ciências Contábeis: uma análise dos seus fatores determinantes em uma IES privada. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, v. 24, n. 1, p. 60–83, 2013.

BARROS, L.; BOTELHO, D. Hope, perceived financial risk and propensity for indebtedness. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 4, p. 454–474, 2012.

BYRNE, M.; FLOOD, B. A study of accounting students' motives, expectations and preparedness for higher education. **Journal of Further and Higher Education**, v. 29, n. 2,

p. 111–124, 2007.

CALLENDER, C. The impact of term-time employment on higher education students' academic attainment and achievement. **Journal of Education Policy**, v. 23, n. 4, p. 359–377, 2008.

CALLENDER, C.; JACKSON, J. Does the fear of debt deter students from higher education? **Journal of Social Policy**, v. 34, n. 4, p. 509–540, 2005.

CNC. **Percentual de famílias com dívidas apresenta a segunda queda consecutiva em dezembro de 2018**. Disponível em: <http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/release_peic_dezembro_2018.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2019.

CORNACHIONE JUNIOR, E. B. et al. O bom é meu, o ruim é seu: perspectivas da teoria da atribuição sobre o desempenho acadêmico de alunos da graduação em Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 21, n. 53, p. 1–24, 2010.

CRUZ, C. O. .; CORRAR, L. J.; SLOMSKI, V. A Docência e o Desempenho dos Alunos dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil The Teaching and the Performance of Accounting Students in Brazil 1 Introdução. **Revista Contabilidade Vista e Revista**, v. 19, n. 11, p. 15–37, 2008.

CURTIS, S.; SHANI, N. The Effect of Taking Paid Employment During Term-time on Students' Academic Studies. **Journal of Further and Higher Education**, v. 26, n. 2, p. 129–138, 2002.

DAROLIA, R. Working (and studying) day and night: Heterogeneous effects of working on the academic performance of full-time and part-time students. **Economics of Education Review**, v. 38, p. 38–50, 2014.

DICKSON, M.; HARMON, C. Economic returns to education: What We Know, What We Don't Know, and Where We Are Going-Some brief pointers. **Economics of Education Review**, v. 30, n. 6, p. 1118–1122, 2011.

ECKEL, C. C. et al. Debt Aversion and the Demand for Loans for Postsecondary Education. **Public Finance Review**, v. 35, n. 2, p. 233–262, 19 mar. 2007.

FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861–1883, 2014.

FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de Fatores Comportamentais na Propensão ao Endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, p. 13–35, 2013.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS(potal [HTTPS://cfs.fgv.br/qual-a-faixa-de-renda-familiar-das-classes](https://cfs.fgv.br/qual-a-faixa-de-renda-familiar-das-classes)).

GATHERGOOD, J. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 590–602, 2012a.

GATHERGOOD, J. Debt and Depression: Causal Links and Social Norm Effects. **Economic Journal**, v. 122, n. 563, p. 1094–1114, 2012b.

GOEDDE-MENKE, M.; ERNER, C.; OBERSTE, M. Towards more sustainable debt attitudes and behaviors: the importance of basic economic skills. **Journal of Business Economics**, v. 87, n. 5, p. 645–668, 2017.

HAULTAIN, S.; KEMP, S.; CHERNYSHENKO, O. S. The structure of attitudes to student debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 31, n. 3, p. 322–330, 2010.

- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices , Values , and Frames. **American Psychologist**, v. 39, n. 4, p. 341–350, 1984a.
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices , Values , and Frames. **American Psychologist**, v. 39, n. 4, p. 341–350, 1984b.
- KIRBY, A.; MCELROY, B. The effect of attendance on grade for first year economics students in University College Cork. **Economic and Social Review**, v. 34, n. 3, p. 311–326, 2003.
- KUS, B. Credit, consumption, and debt: Comparative perspectives. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 54, n. 3, p. 183–186, 2013.
- MAMEDE, S. D. P. N. et al. Determinantes Psicológicos do Desempenho Acadêmico em Ciências Contábeis : Evidências do Brasil. **Brazilian Business Review**, v. BBR Edição, n. 34, p. 54–75, 2015.
- MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. D. A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria – RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221, 2016.
- MEDEIROS, L. N. DE; CAMPOS, L. C.; MALAQUIAS, R. F. Contribuição da Contabilidade para finanças pessoas: um estudo comparativo entre alunos ingressantes e concluintes do curso de graduação em Ciências Contábeis. **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 3, n. 219, p. 61–73, 2016.
- MEURER, A. M. et al. Relação do Desempenho Acadêmico com Características Observáveis e Experiências Estudantis de Discentes de Ciências Contábeis. **Revista Meta: Avaliação**, v. 10, n. 29, p. 361, 2018.
- MIRANDA, G. J. et al. Determinantes do Desempenho Acadêmico na Área de Negócios. **Meta: Avaliação**, v. 7, n. 20, p. 175–209, 2015.
- MISCHEL, W. **The Marshmallow Test: Understanding Self-control and How To Master It**. New York: Corgi Books, 2014.
- MISCHEL, W.; EBBESEN, E. B. Attention in delay of gratification. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 16, n. 2, p. 329–337, 1970.
- MISCHEL, W.; EBBESEN, E. B.; RASKOFF ZEISS, A. Cognitive and attentional mechanisms in delay of gratification. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 21, n. 2, p. 204–218, 1972.
- MISCHEL, W.; SHODA, Y.; RODRIGUEZ, M. Delay of gratification in children. **Science**, v. 244, n. 4907, p. 933–938, 26 maio 1989.
- MOURA, A. C. DA R.; MIRANDA, G. J.; PEREIRA, J. M. Desempenho acadêmico em ciências contábeis: turno noturno versus diurno. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 34, n. 1, p. 57–70, 2015.
- NEPOMUCENO, M. V.; LAROCHE, M. The impact of materialism and anti-consumption lifestyles on personal debt and account balances. **Journal of Business Research**, v. 68, n. 3, p. 654–664, 2015.
- NONIS, S. A.; HUDSON, G. I. Academic Performance of College Students: Influence of Time Spent Studying and Working. **Journal of Education for Business**, v. 81, n. 3, p. 151–159, 2006.
- POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 315–334, 2014.

RANGEL, J. R.; MIRANDA, G. J. Desempenho Acadêmico e o Uso de Redes Sociais Academic Performance and the Use of Social Networks. **Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro**, v. 11, n. 2, p. 139–154, 2016.

RIBEIRO, C. D. A. et al. **FINANÇAS PESSOAIS: ANÁLISE DOS GASTOS E DA PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO EM ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO**. Seminários em Administração. **Anais...**São Paulo: 2009

RICHARDSON, T.; ELLIOTT, P.; ROBERTS, R. The relationship between personal unsecured debt and mental and physical health: A systematic review and meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, v. 33, n. 8, p. 1148–1162, 2013.

ROBB, C. A. et al. Bounded Rationality and Use of Alternative Financial Services. **Journal of Consumer Affairs**, v. 49, n. 2, p. 407–435, 2015.

RODRIGUES, B. C. O. et al. A Instituição, a Coordenação e o Desempenho Acadêmico dos Alunos de Ciências Contábeis. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 20, n. 2, p. 231–251, 2017.

SERNEELS, P.; BEEGLE, K.; DILLON, A. Do returns to education depend on how and whom you ask? **Economics of Education Review**, v. 60, p. 5–19, 2017.

STRÖMBÄCK, C. et al. Does self-control predict financial behavior and financial well-being? **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, v. 14, p. 30–38, 2017.

SWEET, E. et al. The high price of debt: Household financial debt and its impact on mental and physical health. **Social Science and Medicine**, v. 91, p. 94–100, 2013.

VIEIRA, K. M.; DE OLIVEIRA, M. O. R.; KUNKEL, F. I. R. The Credit Card Use and Debt: Is there a trade-off between compulsive buying and ill-being perception? **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, v. 10, p. 75–87, 2016.

WALKER, I.; ZHU, Y. Differences by degree: Evidence of the net financial rates of return to undergraduate study for England and Wales. **Economics of Education Review**, v. 30, n. 6, p. 1177–1186, 2011.

WATTS, T. W.; DUNCAN, G. J.; QUAN, H. Revisiting the Marshmallow Test: A Conceptual Replication Investigating Links Between Early Delay of Gratification and Later Outcomes. **Psychological Science**, v. 29, n. 7, p. 1159–1177, 2018.